

RESENHA

## O EMPREGO DA PREPOSIÇÃO

Tânia Regina Eduardo Domingos

BECHARA, Evanildo. O emprego da preposição e o problema da transitividade em português. In: Estudo de linguística e língua portuguesa I. Divisão de Intercâmbios e Edições. Rio de Janeiro, 1974. p.161-165.

O intuito é deixar aqui patente que se pode estabelecer uma diferença real no emprego da preposição nas diversas construções preposicionadas de que se utiliza a língua portuguesa, e que, partindo daí, talvez se possa caminhar para uma demarcação mais convincente entre os conceitos de complemento direto e indireto, na medida em que tal distinção é passível de ser levada a termo.

Distingue-se três empregos de preposição a que dá-se o nome de funcional, semântico e diatético.

O emprego funcional é aquele em que a preposição é exigida pelas variadas funções sintáticas que se traduzem por expressões que não dispensam este nexos vocabular.

Ao se dizer que a preposição não pode ser dispensada, refere-se apenas à natureza sintática do complemento que ela introduz, e não aos casos especiais de estruturação oracional, em que ressalta o sentimento linguístico do falante, separando nitidamente a preposição como nexo vocabular e a conjunção como nexo oracional.

Este processo de estruturação oracional é cômodo e por isso mesmo vingou no falar coloquial do português e de outras línguas. Mas não parece um caso de inércia mental; é um exemplo de seleção em bases estruturais.

E nesta aplicação funcional da preposição que estão quase todos os casos atinentes do que a rigor se pode chamar

regime preposicional.

O emprego que se denomina semântico coincide com o que Antenor Nascentes chamou posvérbio. Entende-se por posvérbio a preposição que tem por aplicação acrescentar ao verbo uma conotação que lhe não confere a ausência da partícula, a qual, por sua vez, não sendo requerida pela natureza sintática do complemento, não se enquadra como encabeçador de regime preposicional do tipo escrever aos pais ou gostar dos pais. É o caso de construções como chamar por Nossa Senhora, cumprir com o dever fazer com que venha, puxar da espada, onde a preposição não muda a natureza sintática (isto é objeto direto) dos respectivos complementos verbais.

Poder-se-ia, num exame perfunctório, nivelar as construções chamar Pedro e chamar por Nossa Senhora a assistir o doente e assistir ao filme, uma vez que os verbos não têm a mesma aplicação semântica. Entretanto, há uma profunda diferença entre os dois casos. A preposição por que se segue a chamar apenas acrescenta ao mesmo fato uma conotação especial; em ambos persiste a idéia central do chamar, levemente matizada pela presença da preposição num dos casos. Já em assistir ao filme nada existe que se prenda ao sentido do verbo em assistir o doente. Assim, coube à preposição trazer ao verbo chamar o matiz semântico de que se reveste, não lhe sendo, com rigor, cabível o reconhecimento do emprego funcional.

Por fim, o emprego diatético, de diátese, termo que alterna com voz para indicar esta categoria gramatical. Cabe à preposição, nestes casos, ressaltar a oposição existente entre agente e paciente da ação verbal. Isto se dá sempre que agente e paciente de uma construção A possam, invertido o contexto, alternar em, respectivamente, paciente e agente de uma construção B. Esta dinâmica só se aplica aos seres dotados de potencialidade.

Pela presente comunicação, procura-se deixar patente os seguintes pontos:

- a) Há uma diferença de emprego de preposição nas diversas construções preposicionadas que servem de complementos a vocábulos de significação relativa;
- b) Pode-se traçar melhor os limites das diversas naturezas de complementos;
- c) Só o emprego funcional da preposição é que denuncia a natureza sintática opositiva entre transitivos diretos e indiretos;
- d) Os empregos semântico e diatético da preposição assumem caráter extrafuncionais.